Steiner, Claude. *Os papéis que vivemos na vida.* Rio, Ed. Artenova, 1976. 298 p.

Dentre os volumes que compõem a série de traduções sobre análise transacional, este é que mais claramente elucida, de maneira teórica, os fundamentos deste método de tratamento psicoterápico.

Depois de *Eu estou OK, você está OK*, de Tom Harris, Steiner resgata a teoria e prática da Análise Transacional numa brilhante exposição sobre os papéis que decidimos muito cedo desempenhar na vida.

O conceito papel foi usado para substituir a expressão "compulsão de repetição de vida" que as pessoas perpetuam por meio dos jogos (padrões de disfunção social). O seu significado é o da tragédia grega, segundo Aristóteles. Esta interpretação da tragédia-da-vida difere da freudiana que a rejeitou em favor da hipótese de que o incerto, apenas pretexto na trama do Édipo Rei, era o aspecto mais importante a considerar. Na análise transacional é a submissão do homem a seu destino inexorável, a batalha que empreende contra o fado, seu cansaço, desespero

e finalmente a depressão, levando-o à derrota, o que constitui a essência dinâmica do papel.

A proposição da análise transacional é clarificar para o homem o postulado da inevitabilidade grega. Tomando de empréstimo ao cristianismo a noção de livre arbítrio e ao existencialismo as noções de liberdade e responsabilidade, mostra que o papel é uma decisão, e como tal pode ser revogado por outros, apontando para uma vida livre e autônoma, ou seja, uma vida sem papéis e sem jogos.

Outro ponto importante a destacar nessa teoria é a ênfase colocada na característica mercantilista da sociedade atual, como fator determinante e cooperante das disfunções comportamentais. Ao homem, diz Steiner, é retirada a possibilidade de satisfação de suas necessidades naturais de afeto. Mantido em estado de insatisfação e até mesmo dessensibilizado em sua capacidade de reconhecer afeto, volta-se vorazmente para a necessidade de mdquirir coisas. Nessa faixa julga satisfazer-se, comprando afeto através de uma marca de cigarros, refrigerantes, carros e outros objetos industrializados.

Das primeiras às últimas páginas o leitor sentirá sua atenção presa, quer identificando-se em algum comportamento, quer deliciando-se com o estilo do autor ao marcar a gênese e o desempenho dos papéis.

Algumas vezes o "espinho" encravará num pé; contudo em nenhum momento o leitor se sentirá agredido, não fora a teoria do afago (o amor abordado cientificamente) a mola sobre a qual se apóia o método.

Merece especial destaque, dentro da teoria do afago, "Um conto de Carlinhos", suavidade que, paradoxalmente, aplasta o leitor sob seu peso, o peso das coisas simples e puras.

O autor inclui na obra dois artigos de Hogie Wyckoff (ilustrando o postulado da cooperação desse posicionamento), nos quais são analisados os papéis sexuais do homem e da mulher, como produtos de pressões exteriores e que, no nosso contexto, se encontram a serviço do poder.

A parte final concentra-se na prática da terapia propriamente dita e na caracterização dos aspectos entendidos como constitutivos da vida boa.

ÉLIDA SIGELMANN